

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE FONÉTICA E FONOLOGIA SEGMENTAL

INTRODUCTION TO THE STUDY OF PHONETICS AND SEGMENTAL PHONOLOGY

Prof^a Dr^a Lia Santos de Oliveira Martins¹

UNIRJ / CPH / TTH-BARILAN

DOI 10.5281/zenodo.8132635

RESUMO

Neste artigo, propomo-nos a trabalhar com conceitos básicos de fonética e de fonologia segmental, atendo-nos a particularidades do uso do Português Brasileiro – PB. Processos ocorrentes no Português Europeu - PE, nas línguas espanhola e inglesa poderão, também, ser ilustrados para fins comparativos. Para tanto, iniciamos o capítulo diferenciando os campos de estudo da Fonética e da Fonologia, delimitando seus objetos. Quanto aos estudos da

Fonética, fizemos uma breve abordagem sobre o aparelho fonador, sobre os sons consonantais e vocálicos do português. Na Fonêmica, trabalhamos com os tipos de alofonia, atendo-nos mais às alofonias resultantes de variações posicionais. Além disso, também se inseriram, aqui, os processos de neutralização e os arquifonemas presentes no português, além de um breve estudo sobre os padrões silábicos.

Palavras-chave: Fonética, Fonologia, Transcrição Fonética, Padrões Silábicos.

ABSTRACT

In this article, we propose to work with basic concepts of phonetics and segmental phonology, focusing on the particularities of the use of Brazilian Portuguese – BP. Processes occurring in European Portuguese - PE, in Spanish and English may also be illustrated for comparative purposes. To this end, we begin the chapter by differentiating the fields of study of Phonetics and Phonology, delimiting their

objects. As for the studies of Phonetics, we made a brief approach on the vocal apparatus, on the consonant and vowel sounds of Portuguese. In Phonemics, we work with types of allophony, focusing more on allophonies resulting from positional variations. In addition, the neutralization processes and the archiphonemes present in Portuguese were also inserted here, in addition to a brief study on the syllabic patterns.

Keywords: Phonetics, Phonology, Phonetic Transcription, Syllabic Patterns.

¹ Prof^a Dr^a em Estudos da Linguagem - Psicolinguística pela PUC-RJ. Coordenadora de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário do Rio de Janeiro - UNIRJ. Prof^a aposentada do Colégio Pedro II – CPH. Prof^a e Coordenadora da Área de Linguagem do TTH Barilan. E-mail: lyasomprof@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar conceitos basilares dos estudos de Fonética e de Fonologia uma vez que se fazem necessários àqueles que se interessam pela produção (Fonética Articulatória) dos elementos mínimos, os traços fonéticos. Dessa forma, este artigo justifica-se por ser relevante para profissionais da área da Educação, professores e pedagogos, e da área da Saúde, professores, enfermeiros, fonoaudiólogos. A partir de sua leitura, informações de base serão alcançadas, e essas servirão de auxílio para a identificação de possíveis comprometimentos e tratamentos.

2. FONÉTICA e FONOLOGIA - ESTUDOS ARTICULADOS

Ao estudarmos uma língua, podemos ter como objeto de análise a diversidade de seus usos. Uma língua deve ser concebida, portanto, como uma expressão formal de uma diversidade cultural, um reflexo de seus falantes, de suas culturas, de seus hábitos articulatórios. Uma língua, entendida como um complexo de regras estruturais – gramática e unidades do léxico, pode, por meio de seus usos, identificar falantes e até mesmo caracterizá-los. Dessa forma, reconhecemos, nos usos de uma língua, o poder de expressão que possui, e, em dois de seus níveis em particular, os da Fonética e da Fonologia.

3. FONÉTICA – OBJETO de ESTUDO e CARACTERÍSTICAS

Por Fonética podemos entender o estudo dos sons produzidos pelo aparelho fonador humano e utilizados na fala. Nós, seres humanos, não nascemos com órgãos destinados especificamente à fonação. Órgãos que atuam em outras atividades, como as da digestão e da respiração, no ato da fala, são usados para a fonação, tais como pulmões e músculos torácicos do aparelho respiratório, assim como língua e faringe do aparelho digestório. Dessa feita, os órgãos da fala, realmente, constituem o que se poderia descrever como sistema biológico secundário. Na verdade, durante a fonação, fazemos uso de órgãos de outros dois aparelhos, que, “emprestados”, atuam na fonação.

O estudo fonético de que nos valeremos aqui será o *articulatório*, aquele que se baseia em como se “comporta” o aparelho fonador humano durante a pronúncia dos sons da fala. As conhecidas fonéticas *auditiva* e *acústica* não constituirão objeto de análise. A Fonética centrada no emissor / falante será o nosso foco. Dessa forma, um reconhecimento do aparelho fonador, de suas seções, de seus órgãos e articuladores faz-se necessário para revermos, então, o processo dos modos e pontos de articulação.

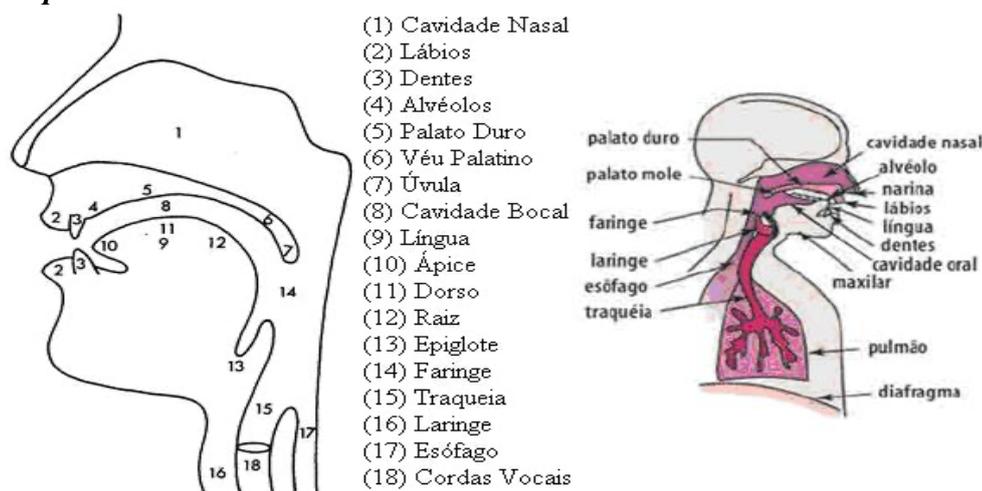
3.1. Aspectos segmentais e suprasegmentais

Há dois níveis de abordagem dos sons: segmentais e suprasegmentais. No nível suprasegmental², trabalha-se, sobretudo, com os fenômenos de ritmo e de entoação. Os aspectos suprasegmentais ajudam a preencher as lacunas no processo de construção do sentido e sua abordagem será feita, aqui, em capítulo ulterior. Neste seção, voltar-nos-emos ao estudo das características segmentais da fala que podem ser divididas em dois grandes grupos: consoantes e vogais.

3.2. O Aparelho fonador humano e processos de classificação dos sons

Os órgãos e articuladores que participam da fonação encontram-se divididos em três seções: *respiratória*, *energética* e *ressonadora*. A *seção respiratória* inclui os pulmões, o diafragma e demais músculos torácicos, sendo responsável por fornecer a corrente de ar. A *seção energética* é constituída pela laringe, pelas cordas vocais e pela glote - espaço que medeia as pregas vocais. Já a seção ressonadora é constituída por três cavidades, a saber, faríngea, bucal e nasal. Na cavidade faríngea, a corrente de ar encontra uma bifurcação para a passagem da corrente de ar, caso o véu palatino esteja em repouso; caso contrário, estando o véu palatino elevado, a corrente de ar irá ressoar apenas pela cavidade bucal, já que o véu palatino, ao elevar-se, fecha a passagem para a cavidade nasal. Na cavidade bucal, encontramos os órgãos bucais, isto é, lábios, dentes, alvéolos, palato, véu palatino, lábios e úvula. Na cavidade nasal, há as fossas nasais. A seguir, apresentamos a figura (01), onde se ilustra o aparelho fonador humano.

Fig. 01 – Aparelho Fonador Humano



A maior parte dos sons da fala, em quase todas as línguas, é produzida pela modificação de como a corrente de ar expelida pelos pulmões chega aos lábios e narinas, considerando-se todo o caminho do sistema vocal. Sendo assim, se as cordas vocais vibram à proporção que o

² Foi a partir de Bloomfield (1933) que se admitiu a existência do fonema suprasegmental.

ar vai passando pela glote, o som produzido é **sonoro / vozeado**, se o ar passar sem vibração, será **surdo / desvozeado**. Com isso, estabelece-se uma das principais variáveis articulatórias, distinguindo-se os sons vocálicos dos consonantais: as vogais sendo sonoras; e as consoantes, surdas ou sonoras. As consoantes surdas [p], [t], [k], [f], [s] e [ʃ], têm [b], [d], [g], [z] e [ʒ] como consoantes sonoras correspondentes, como suas homorgânicas.

Outra variável articulatória a ser considerada é a da **nasalidade**. Se o véu palatino estiver elevado, impedirá a passagem da corrente de ar pela cavidade nasal, e o som será **não-nasal**, isto é, **oral**, uma vez que a ressonância ocorrerá apenas pela cavidade oral. Caso o véu palatino esteja em repouso, a corrente de ar encontrará passagem tanto para a cavidade oral, quanto para a cavidade nasal, ressonando nas duas, sendo, portanto, **nasal**.

A **aspiração** constitui uma terceira dimensão articulatória, sons **aspirados** diferem de seus correspondentes **não-aspirados**, pois os primeiros vêm acompanhados de um pequeno sopro. As consoantes aspiradas são normalmente surdas.

3.3. Transcrição fonética e Transcrição fonêmica

Chamamos de pronúncia a forma como um som é falado e de transcrição fonética o registro exato das particularidades de uma dada pronúncia. Em transcrição fonética, os segmentos são apresentados entre colchetes, havendo uso de apóstrofo antes da sílaba em que recai o acento tônico da palavra, como em *eslavo* [iz'lavU], por exemplo. A única forma de representar a pronúncia *sui generis* de cada falante foi dada pelos símbolos do IPA³ (International Phonetics Association). Conforme Silva (2011).

A Fonética, por tratar de fenômenos físicos, tem como unidade o *fone* ou segmento de fala (realização concreta do fonema). Mas, embora se fale em *fone*, ele não é a unidade mínima da Fonética; mas, sim, cada traço constitutivo dos sons, considerados, então, como um feixe de traços fonéticos (sonoridade, nasalidade, modo e ponto de articulação).

Na transcrição fonética, são, dessa maneira, representados os sons da fala utilizados na emissão da palavra, considerando-se todas as variações, ou seja, todas as alofonias, buscando-se descrever a pronúncia exata de uma palavra. Na transcrição fonológica, só aparecem fonemas (forma ideal). As variações são neutralizadas pelo arquifonema, representado sempre por um fonema em maiúsculo, como, por exemplo, /S/.

3.4. Sons consonantais e características do PB

³ Com as iniciativas de Paul Passy, professor de inglês na França, e seu discípulo inglês Daniel Jones, o IPA foi criado, no final do século XIX, com base no princípio acrofônico. Nele, o som (S¹) é representado por um símbolo (S²), e o símbolo é representado por um som: S¹ (possibilidades articulatórias do homem) ↔ S² (marcas e diacríticos). Com a instituição do IPA, foi possível representar com exatidão a pronúncia de qualquer língua, com todas as possibilidades articulatórias do homem.

As consoantes são sons produzidos com uma obstrução ou restrição temporária da corrente de ar pela cavidade bucal. Conforme a passagem da corrente de ar, temos os diferentes *modos de articulação* e, dependendo dos articuladores envolvidos, temos os *pontos de articulação*.

Os sons consonantais têm seus modos de articulação definidos a partir da natureza de suas estruturas, que, segundo Abercrombie (1967:44, apud Cristóvão Silva (2001), “é o termo técnico para a posição assumida pelo articulador ativo em relação ao articulador passivo, indicando como e em que grau a passagem da corrente de ar através do aparelho fonador é limitada neste ponto.” Assim considerando, os sons consonantais do português podem ser classificados quanto ao modo de articulação como sendo:

- **Oclusivo:** bloqueio total à passagem da corrente de ar. Exemplos: **pato, bato.**
- **Nasal:** bloqueio total para a passagem da corrente de ar na cavidade bucal, havendo ressonância nasal. Exemplos: **mata, nó, vinho.**
- **Fricativo** os articuladores estão muito próximos, constrictos e a corrente de ar passa expremida, havendo ruído de fricção. Exemplos: **fá, vá, Sá, zelo.**
- **Africado:** oclusão seguida por uma fricção. Presente no dialeto carioca. Exemplos: **tia, dia.**
- **Tepe (vibrante simples):** batida rápida da ponta da língua. Exemplos: **caro, breve, Araraquara.**
- **Vibrante (vibrante múltipla):** causa vibração múltipla. Exemplo: **carro, marrento.**
- **Retroflexo:** levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro. Presente no falar interiorano/caipira. Exemplos: **porta, par.**
- **Lateral:** impedimento na parte central da cavidade bucal e passagem livre pelas fendas laterais. Exemplos: **luto, pimpolho, sol** (apenas em algumas regiões do sul do Brasil).

Segundo LOPES (1997), os sons consonantais vibrantes e laterais não são puramente consonânticos, seriam sons complexos, sendo fonemas líquidos, simultaneamente consonânticos e líquidos.⁴

Há inúmeros pontos no sistema vocal em que a corrente de ar pode ser obstruída ou restrita. A seguir discriminamos aqueles que são relevantes para a descrição do português:

- **Bilabial (ou labiais):** lábio inferior (articulador ativo) toca o lábio superior (articulador passivo). Exemplos: **pato, bala, mata.**

⁴ Os fonemas líquidos (isto é, vibrantes e laterais) não são puramente consonânticos. Sua melhor classificação parece ser a de fonemas complexos (simultaneamente consonânticos e vocálicos), já que eles participam da natureza das consoantes e das vogais. [...] Esse ponto de vista explica por que as laterais ápico-alveolares, /l/ (de /'mala/ “mala”) e /ʎ/ (de /'maʎa/ “malha”, por ex.) em final de sílaba e na posição pré-vocálica possuem tendência para vocalizar-se, com perda da articulação apical, confundindo-se com a semivogal /w/.

- **Labiodental:** lábio inferior (articulador ativo) toca os dentes incisivos superiores (articulador passivo). Exemplos: **fada, vida.**
- **Dental:** ápice da língua (articulador ativo) toca os dentes incisivos superiores (articulador passivo). Exemplos: **toca, dama, nata.**
- **Alveolar:** ápice da língua (articulador ativo) toca os alvéolos (articulador passivo). Exemplos: **sapo, zero, lata.**
- **Alveopalatal:** parte anterior da língua (articulador ativo) toca a parte medial do palato duro (articulador passivo). Exemplos: **chuva, jeito.**
- **Palatal:** parte média da língua – dorso (articulador ativo) toca o palato duro (articulador passivo). Exemplos: **minhoca, molho.**
- **Velar:** parte posterior da língua toca (articulador ativo) toca o véu palatino (articulador passivo). Exemplos: **casa, galo, rato.**
- **Glotal:** músculos ligamentais da glote juntam-se momentaneamente, atuando como articuladores. Exemplo: **rato** (no falar de Belo Horizonte).

A seguir, temos o Alfabeto Fonético Internacional, apresentando as consoantes utilizadas nas diferentes línguas do mundo.

Fig. 02 – Alfabeto Fonético Internacional

Alfabeto Fonético Internacional - Consoantes											
	Bilabial	Labio dental	Dental	Alveolar	Post Alveolar	Retrof.	Palatal	Velar	Uvular	Faring.	Glotal
Oclusiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante múltiple	ʙ			ɾ					ʀ		
Vibrante simple				ɹ		ɻ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aproximante lateral				l		ɭ	ʎ	ʟ			
Oclusiva ejectives	p'			t'		ʈ'	c'	k'	q'		
Implosiva	ɓ ɗ			ɟ ɠ			ɟ ʝ	ʀ ɣ	ɕ ɢ		

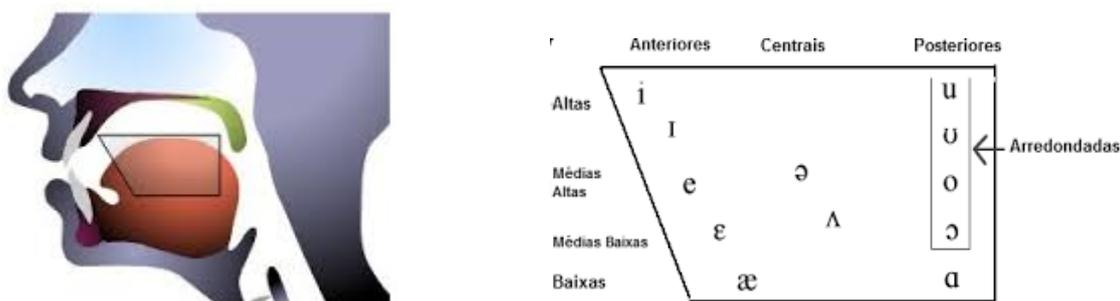
3.5. Sons vocálicos e características

Os sons vocálicos se distinguem dos demais sons da fala – consoantes e glides – em função do traço de *sonoridade/vozeamento*, já que as vogais são sons sonoros por excelência; e por constituir o *cerne silábico*, pois cada vogal determina a ocorrência de uma sílaba,

constituindo o seu ápice. Dessa forma, temos uma vogal por sílaba, havendo sílabas constituídas apenas por uma vogal.

As vogais são classificadas considerando-se o movimento da língua e o formato dos lábios. Quanto ao movimento, há dois processos classificatórios, os de movimento horizontal e os de movimento vertical. Horizontalmente, as vogais se classificam em *anteriores*, *centrais* e *posteriores*, considerando-se como anterior o movimento da língua para frente e, como posterior, o movimento para trás, ou seja, um leve recuo da língua na cavidade bucal. Verticalmente, considera-se o movimento do lábio inferior, quando elevado - vogais *altas*, quando o lábio desce um pouco - vogais *médias fechadas*, quando o lábio desce mais um pouco - vogais *médias abertas* e, quando o lábio vai mais embaixo, - vogal *baixa*. Quanto ao formato dos lábios, temos as vogais *arredondadas* e as *não-arredondadas* em que os lábios se encontram estendidos / distensos. A seguir, apresentamos as figuras 02 e 03, onde podemos visualizar essas posições na cavidade bucal.

Fig. 03 e 04– Pontos da cavidade e sons vocálicos



Das vogais, anteriormente apresentadas, são sete as que ocorrem em posição tônica no português, isto é, têm duração mais longa e sua pronúncia é feita de forma mais acentuada.

Quadro 01 – Vogais orais tônicas do PB

Símbolo	Exemplo
[i]	vila - [ˈvila]
[e]	vê - [ˈvê]
[ɛ]	veto - [ˈvɛtU]
[a]	vá - [ˈva]
[ɔ]	vó - [ˈvɔ]
[o]	vô - [ˈvõ]
[u]	uva- [ˈuvɐ]

As vogais tônicas, portanto, carregam o acento mais forte, o *acento primário*, as vogais átonas, não-acentuadas, carregam o *acento secundário* ou apresentam-se sem acento. As vogais átonas, dessa maneira, podem ocupar posição pretônica, antecedendo a tônica, ou postônica, sucedendo a tônica. As sílabas tônicas, em transcrição, são marcadas com um apóstrofo na parte superior que antecede a sílaba tônica. As sílabas átonas com acento secundário, sílabas subtônicas, são marcadas com um apóstrofo na parte inferior. Conforme ilustra Silva (2001, p.77), *Na palavra “Sabará”, a primeira vogal tem acento secundário, a segunda vogal é isenta de acento e a terceira vogal tem acento primário: [ˌsabaˈra].*

3.5.1. Glides

Há sons vocálicos que não ocupam o pico silábico. Esses sons – glides - apresentam um traço das vogais, o de sonoridade, e uma característica das consoantes, a de não ocupar o centro da sílaba, ou seja, na estrutura silábica, glides ocupam posições marginais. São mais conhecidos como semivogais, responsáveis pela formação de ditongos. O termo *glide* refere-se, portanto, às vogais sem proeminência acentual em ditongos e tritongos. São representadas por [y] / [w], diferenciando-se das vogais [i] / [u] que são denominadas tensas, ao passo que os glides são vogais frouxas. Em palavras como *fui* e *viu*, temos as transcrições [ˈfuy] e [ˈviw], marcando a ocorrência de ditongos e a falta de proeminência acentual. Em uma sequência de vogais cuja proeminência acentual ocorre na primeira vogal, teremos uma sequência vogal/glide e dizemos haver um *ditongo decrescente*, como ocorre em *pais* – [ˈpays]. Quando, ao contrário, a sequência é glide/vogal, o ditongo é *crescente*, como em *ciência* – [sɪˈẽsyɐ].

O movimento articulatorio de um ditongo se difere do movimento articulatorio de duas vogais em sequência. Em um par como *sábia* e *sabiá*, temos um ditongo na primeira palavra, [yɐ], e uma sequência de vogais na segunda, um hiato, [i-ɐ]. A mudança se justifica pelo tempo ocupado na estrutura silábica e pela mudança de qualidade vocálica. Na articulação de duas vogais em sequência, ou seja, em um hiato, cada vogal ocorre em uma sílaba, tendo qualidade vocal específica, constituindo cada uma o pico silábico da sílaba em que ocorre.

3.5.2. Distribuição dos segmentos vocálicos do português brasileiro

Nesta seção, dada a variedade de línguas estrangeiras, serão feitas considerações sobre o uso dos segmentos vocálicos no português, uma vez que seja a língua comum aos prováveis leitores deste livro.

As vogais orais, em português, podem, consoante já visto, apresentar-se em sílabas tônicas, átonas pretônicas ou postônicas. As vogais postônicas podem ser mediais ou finais. Na palavra *válido* - [ˈvalɪdU], temos, portanto, o [ɪ] como átona medial ou não-final e o [U] como átona final. A seguir, buscaremos trabalhar, separadamente, com cada grupo, visto que a

distribuição das vogais em pretônicas e postônicas caracteriza a variação entre os diferentes dialetos do PB. ´

As vogais tônicas orais apresentam-se comuns em todos os dialetos do PB. Conforme tabela 02, são sete.

Quadro 02 – Classificação das vogais orais tônicas do PB

	Anterior		Central		Posterior	
	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.
alta		[i]				[u]
média-alta		[e]				[o]
média-baixa		[ɛ]				[ɔ]
baixa				[a]		

Algumas poucas exceções se constituem no falar do PB para as vogais tônicas orais, vogais médias-alta, sendo pronunciadas como médias-baixa. Segundo Silva (2001), em “ele fecha” [‘feʃɐ] x [‘fɛʃɐ], “ele freia” [‘frejɐ] x [‘frɛjɐ], “ele foi pego” [‘pegU] x [‘pɛ gU], “extra” [‘estrɐ] x [‘ɛstrɐ] e “poça” [‘posɐ] x [‘pɔsɐ]. Além dessas variações, algumas variantes paulistas não assimilam a nasalidade na vogal tônica, realizando palavras como *homem* e *ontem* como [‘ɔmey] e [‘ɔtey], em vez de [‘ômêy] e [‘õtêy].

As sete vogais tônicas orais reduzem-se a cinco vogais pretônicas orais. Dessa forma, conclui-se que as vogais médias-baixa, as de timbre aberto inexistem nessa posição.

Vogais orais pretônicas

As vogais orais pretônicas do português brasileiro são [I], [e], [a], [o], [U]. As vogais [é], [ó] e [ɐ] constituem alofones posicionais, conforme veremos. A seguir, temos o quadro 03 em que se podem visualizar as 5 vogais orais pretônicas.

Quadro 03 – Classificação das vogais orais pretônicas do PB

	Anterior		Central		Posterior	
	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.
alta		[I]				[U]
média-alta		[e]				[o]
baixa				[a]		

As vogais pretônicas [I], [e], [o], [U], ocorrentes, por exemplo, em *vital*, *dedal*, *modelo*, *cueca*, em greal não passam por alofonia (variação do som, aqui por razões posicionais, posição pretônica). Note-se, contudo, que, no sul do Brasil, o [e] e o [o] reduzem-se, por vezes, a [I] e [U] respectivamente. Dessa forma, *dedal* e *modelo*, apresentam pronúncias tais como “d[I]dal” e “m[U]delo”, e palavras como *covarde* e *noturno* seriam “c[U]vardi”, “n[U]turno”, flutuando com “c[o]varde” e “n[o]turno”. Além dessa variação posicional, outra se estabelece. Pronúncias

como “d[ɛ]dal” e “m[ɔ]delo” caracterizam falantes do nordeste brasileiro, onde palavras como “c[ɔ]varde”, “n[ɔ]turno”, “n[ɛ]blina”, “r[ɛ]cruta” podem ser ouvidas por haver a abertura das vogais médias-alta em posição pretônica.

Quanto ao [a] pretônico, observa-se uma variação no falar carioca. Em palavras como *abacate*, nas duas sílabas pretônicas, o [a] é pronunciado como uma vogal central média-baixa [ə].

As vogais [ɛ] e [ɔ] ocorrem em palavras derivadas com sufixos –mente, -inho, -zinho e –íssimo, caso a vogal tônica da palavra primitiva seja média-baixa, como ocorre em palavras como s[ɛ]ríssima e form[ɔ]samente. Palavras como *seriedade* e *moleza* não apresentam abertura da vogal pretônica, em função da natureza de seus sufixos –dade e –eza respectivamente. S[ɛ]riedade e m[ɔ]leza são pronúncias que marcam a variação dialetal nordestina. Ainda sobre as vogais pretônicas média-baixa [ɛ] e [ɔ], há falantes que as realizam quando as vogais tônicas são igualmente médias-baixa, indiscriminadamente, se arredondadas ou não-arredondadas, assim teríamos “pr[ɛ]cosi”, “c[ɔ]légio”, mas também “pr[e]cosi” e “c[o]légio”, por parte de outro grupo de falantes ao considerarem a não simetria de arredonamento ou não entre as vogais tônicas e pretônicas. O [ɛ] e o [ɔ] podem ainda ocorrer em sílabas pretônicas no PB; quando, na sílaba tônica, houver uma vogal média-alta [ẽ] e [õ], como em “r[ɛ]dondo” e “n[ɔ]venta”. Além disso, poderão ocorrer, também, quando, na sílaba pretônica, houver um travamento silábico em /S/, /R/ ou l, como ocorre em “d[ɛ]stino”, “c[ɔ]rdial” e “s[ɛ]lvagem”.

Vogais postônicas

As vogais postônicas do PB podem ser distribuídas em 2 grupos: as postônicas mediais e as postônicas finais. As vogais postônicas mediais são aquelas que, nos vocábulos proparoxítonos, estão depois da tônica e antes da átona final. São as que mais sofrem variação. São cinco [I], [e], [a], [o], [U], a saber, *sífilis*, *ópera*, *década*, *êxodo*, *úvula*. Contudo, há, em alguns dialetos, a realização [ɛ] e [ɔ] para as vogais postônicas medias, como em *núm[ɛ]ro* e *pér[ɔ]la*. Vale considerar, também, que há falantes que eliminam a realização dessa vogal [‘numrU] ou ainda procede a sua redução, como em [‘numlrU]. Reduções de [o] para [U] e de [e] para [I] são bastante realizadas, “pér[U]la” e [‘numlrU].

As vogais postônicas finais, na maioria dos dialetos do PB, reduzem-se a três, [I], [ə] e [U], como em *júri*, *jure*, *casa* e *mato*, por exemplo. **3. Fonêmica e fenômenos fonêmicos**

A partir de agora, os dados da fonética serão a nós interessantes apenas quando relevantes à análise fonológica dos sistemas linguísticos. Nesta seção, trabalharemos com uma teoria fonêmica, isto é, consideraremos o fonema como elemento básico de uma análise fonológica. São dois os critérios principais que definem um fonema: **semelhança fonética e distribuição**.

(a) semelhança fonética – um determinado som pode assemelhar-se a outro em uma ou mais dimensões (traços fonéticos), podendo distinguir-se dele, assemelhando-se a um terceiro em uma ou mais outras dimensões.

(a) distribuição – conjunto de contextos/ambientes fonéticos em que o fonema ocorre em uma dada língua.

No que tange à semelhança fonética, considerando-se os sons [p] e [b], verificamos que ambos são oclusivos, bilabiais, orais, sendo o traço fonético que os distingue é a presença ou não de vozeamento. Sendo assim, o que distingue palavras do português como *pala* e *bala* e *pote* e *bote* não são os feixes de traços de cada som; mas, sim, um único traço fonético, o de vozeamento (vibração das pregas vocais) e desvozeamento (não vibração das pregas vocais).

No tocante ao critério de distribuição, devemos entender que, conforme Pike (1947), *os sons podem ser influenciados pelo ambiente em que se encontram*, isto é, um som Y que precede um determinado som X e um som Z que sucede o som X podem influenciá-lo. Além disso, a posição do som no que diz respeito ao acento, ou seja, se em sílaba tônica, se átona pretônica, postônica não-final ou postônica final. Ademais, a posição do som, na estrutura silábica, também é relevante. Dessa maneira, assumimos, formalmente, os contextos mais frequentes, dentro do seguinte critério de representação: um dado som analisado será representado por ___ e poderá ocorrer em dados contextos, assim descritos:

Quadro 04 - Contextos fonéticos

# ___	início de palavra
___ #	final de palavra
C ___ V	precedido por consoante, sucedido por vogal
V ___ C	precedido por vogal, sucedido por consoante
V ___ V	ambiente intervocálico

Como exemplo, podemos considerar a distribuição das fricativas sibilantes surdas/desvozeadas [s] e [ʃ], assim realizadas quando o segmento seguinte for também surdo/desvozeado. Já as fricativas sibilantes sonoras/vozeadas [z] e [ʒ] ocorrerão quando seguidas por segmentos igualmente sonoros. Chamamos esse processo de **assimilação**, ou seja, a propriedade articulatória de vibração ou não das pregas vocais (voiced / unvoiced) é compartilhada com o som adjacente, no caso, precedente.

[s] / [ʃ] C surda

[z] / [ʒ] C sonora

Dessa forma, palavras como *pasta* e *vesgo* serão realizadas com [s] / [ʃ], já que o som consonantal seguinte é [t] e [g], ambos surdos /desvozeados; ao passo que *pasmado* e *desvio* serão realizadas com [z] / [ʒ], pois são seguidas por consoantes sonoras / vozeadas [m] e [v]. Concluimos que as sibilantes mediais assimilam o vozeamento das consoantes que as seguem. Vale considerar que tal diferença não ocorre em espanhol, pois os sons [ʃ] e [ʒ], tão comuns no português, não existem na maior parte das variedades do espanhol. Sendo assim, os falantes de língua materna portuguesa, aprendizes de espanhol, possivelmente, teriam particular dificuldade com os sons [ʃ] e [ʒ], tendo de eliminá-los.

Tal processo também ocorre com a vibrante múltipla/forte [r̄] quando em travamento silábico medial. Como exemplos, temos as palavras *carta* e *verme*, sendo surdo e sonoro respectivamente.

A nasalidade de uma vogal tônica, no português brasileiro, também resulta de um processo diretamente associado à posição da vogal na palavra. Se seguida por consoante nasal, a vogal será, igualmente, nasal por assimilação. Tal processo é frequente em dialetos do sudeste brasileiro, onde palavras como *cama* e *canhão* são [ˈkãmɐ] e [kãɲãw] e exemplificam a assimilação da nasalidade. A assimilação apresenta-se opcional quando a posição é pretônica, como nas palavras *camarão* e *canastra*.

Além disso, Pike (1947) propõe a *simetria fonética dos sistemas sonoros*, ou seja, a cada som da língua espera-se um som simétrico. Observa-se ser essa uma tendência. Por exemplo, para a consoante fricativa, labiodental, surda [f], espera-se uma fricativa, labiodental sonora, no caso, [v]. O mesmo para as vogais, em que para cada vogal anterior, temos uma posterior correspondente, como no caso das vogais [e] e [o], sendo [e] uma vogal média, fechada, anterior e [o] uma vogal média, fechada, posterior. A simetria é uma tendência nas línguas naturais, todavia há, também, sistemas assimétricos.

Pike (1947) também aponta a *flutuação dos sons*, já que notamos, em diferentes línguas, que os sons tendem a flutuar. Em português, por exemplo, palavras como *coruja* e *menino* podem ser pronunciadas como [ko'fuzɐ] / [kU'fuzɐ] e [me'ninU] / [mI'ninU] respectivamente, havendo uma flutuação. Contudo, percebemos que a opção por [o] ou [U] na sílaba átona pretônica em *coruja* e [e] ou [I] em *menino* não resulta em mudança de significado, não sendo, portanto, fonológica. Todavia, em posições tônicas, a diferença entre vogais altas e vogais médias fechadas será foneticamente relevante, isto é, determinará mudança de significado, sendo fonológica. Assim, *corte* e *curte* apresentam significados distintos, da mesma forma que *deva* (verbo dever) e *diva* (substantivo).

4. FONEMA e ALOFONE

O segmento básico da Fonêmica é o *fonema*, unidade mínima distintiva, não significativa. O *fonema* não possui significado próprio, mas apresenta uma função estrutural na língua, é capaz de opor significados, quando ocorre em ambiente fonético idêntico. Dessa forma, em palavras como *mar*, *par* e *lar*, temos um mesmo ambiente/contexto fonético *ar* e a comutação do som [m] pelo som [p] muda o significado e, se comutarmos, em seguida, o [p] pelo [l], resultará nova mudança de significado. Esse processo de comutação de sons em um mesmo contexto fonético, resultando em mudança de significado, é a comprovação de que os fones [m], [p] e [l] são fonemas da língua portuguesa. Para comprovarmos a existência de um dado fonema em uma determinada língua, portanto, basta reconhecermos um *par mínimo* para um grupo de dois segmentos nessa mesma língua. Todavia, há sons da fala que não ocorrem em um contexto fonético idêntico, ou seja, não são substituíveis em nenhum contexto; apresentam-se, logo, distribuídos em contextos diferentes, estão em *distribuição complementar*, o que vale dizer que o ambiente fonético em que ocorre um som não ocorre o outro. Na língua portuguesa, por exemplo, o fonema /t/ manifesta-se, na fala, concretamente, pelos sons ou fones [t] e [tʃ]. Assim, uma palavra como *tia* é pronunciada com o fone [tʃ]: [tʃia] (“tchia”). Já palavras como *tua*, *teto*, *telha*, *tora*, *todo*, *tato*, *trava* e *atlas* são pronunciadas como o fone [t] e não com o fone [tʃ].⁵ Daí termos uma regra fonológica que descreve essa variação na pronúncia do fonema /t/ que determina que o fonema /t/ torna-se [tʃ] diante do som vocálico [i], seja na sua forma oral (por exemplo, na palavra tiro [tʃiro]), seja na sua forma nasal (por exemplo, na palavra tinta

⁵ Em espanhol, /t/ e /tʃ/ estão em oposição e não, em distribuição complementar, como no português. São, portanto, fonemas, como comprovam os pares mínimos *ata x hacha* e *manta x mancha*.

[tʃita]. Por outro lado, o fonema /t/ se manifesta como o fone [t] nos demais ambientes, ou seja, diante das demais vogais e das consoantes “r” e “l” em encontro consonantal, o que ocorre nas citadas palavras. Assim, acaba-se de descrever um processo fonológico⁶ que pode ser formalizado, sinteticamente, da seguinte forma:

Quadro 05 – Exemplificação de processo fonológico

/t/ a [tʃ] / – [i]

onde se lê que o fonema /t/ torna-se [tʃ] diante de [i] em determinados dialetos, em palavras como tia ([tʃia], “tchia”), tiro ([tʃiro], “tchiro”) e tinta ([tʃita], “tchita”)

Em processo de distribuição complementar, o fone com maior produtividade na língua será o **fonema**. Conforme podemos ler em Silva (2001), *A escolha do fonema geralmente se dá por aquele alofone que tenha uma ocorrência mais abrangente ou mais geral em termos de distribuição*. O fone de menor produtividade, ou seja, de ocorrência mais restrita, será um dos **alofones** do fonema. No exemplo anteriormente apresentado, o fonema será o /t/, enquanto o [t] e o [tʃ] os seus correspondentes alofones. Portanto, os alofones nada mais são do que variações de um fonema, ou ainda como nos assegura Lyons (1986), *os alofones são subfonêmicos*.

No espanhol, por exemplo, o fonema /b/ apresenta duas realizações fonéticas, uma oclusiva [b], a única existente em português, e outra fricativa [β], inexistente nessa língua. Dessa forma, esse seria um exemplo de distribuição complementar inerente ao espanhol, que causaria particular dificuldade ao falante brasileiro que teria, portanto, duas tarefas: uma a de aprender a realizar o novo som, e outra a de, também, saber quando realizá-lo, uma vez que ambos se encontram em distribuição complementar.

O processo, anteriormente exemplificado, caracteriza uma **alofonia posicional**, pois a ocorrência dos alofones depende da posição em que ocorrem. Alofones que dependem da posição em que ocorrem chamam-se **alofones** ou **variantes posicionais**. Há um outro tipo de alofonia que não depende da posição em que o alofone ocorre, nesse caso temos uma **variação livre**. Como exemplo, podemos assumir os diferentes alofones [l] e [w] atribuídos à letra **l** final, como ocorre na pronúncia de palavras como *sal* ([ˈsal], [ˈsaw]), *mel* ([ˈmɛl], [ˈmɛw]) e *cal* ([ˈkal], [ˈkaw]). Além desse, um outro exemplo de variação livre, em português, é a alternância

⁶Processo fonológico é a expressão de um fenômeno fonológico em forma de regra. Dito de outra forma, um *processo fonológico* visa a descrever uma regra relativa a um fenômeno sonoro que ocorre na língua.

de vogal oral e nasal em posição pretônica, em palavras primitivas, como ocorre com *caneta* ([ka'neta], [kã'neta]). Nelas, podemos reconhecer dois segmentos em variação livre, em um mesmo ambiente fonético, sem mudança de significado. Esse tipo de variação justifica-se por fatores extralinguísticos como falantes de diferentes regiões, idades, grau de escolaridade; sendo, portanto, do escopo da Sociolinguística. Além desses processos de variação, podemos depreender outro, o de **variação estilística**, que estará em dependência direta da intenção do falante no momento da emissão. Como ilustração, podemos assumir as possibilidades de pronúncia da palavra *pai* ([ˈpai], [paˈye:]); em que, na segunda realização, podemos notar a maior duração, prolongamento da última vogal. Essa realização poderia ser resultado de uma enunciação em que o enunciador intencionasse persuadir seu pai a uma determinada ação. Tal variação insere-se, portanto, no escopo da Pragmática⁷.

4.1. Fonema e neutralização

Além do processo de alofonia acima apresentado, outro processo fonológico a ser considerado é o de **neutralização**, que não deve ser confundido com o de alofonia. A neutralização ocorre quando as oposições entre dois ou mais fonemas são suprimidas em determinados contextos. Dessa maneira, é dito que a oposição nesse contexto foi eliminada, deixou, portanto, de existir. No sistema fonológico do português, por exemplo, em posição pretônica, podemos verificar a neutralização entre /e/ e /ɛ/, assim como entre /o/ e /ɔ/, oposições funcionais em posição tônica. Em posição átona final, os fonemas /e/ e /i/ tornam-se intercambiáveis, sem que haja mudança de significado, como em *penete*, *verde*, *leite*. Além desses, conforme Camara (2001), podemos falar em uma neutralização entre as consoantes anteriores / sibilantes [s] e [z], e as consoantes posteriores / chiantes [ʃ] e [ʒ] no português, em posição final de sílaba, em que apenas um traço distintivo, o de fricção, é aproveitado. Assim, uma oposição ocorrida, em posição intervocálica, entre *assa*, *asa*, *acha* e *aja* / *haja*, neutraliza-se em posição final de palavra, considerando-se tão somente o traço fonético comum, conforme podemos verificar no quadro 06, a seguir:

Quadro 06 – Fonemas Sibilantes e Chiantes no PB

assa - /'asa/ - /s/ consoante fricativa , alveolar, surda, oral
asa - /'aza/ - /z/ consoante fricativa , alveolar, sonora, oral

⁷ A Pragmática se ocupa da interpretação das formas linguísticas, levando em conta o que é acrescentado pelo contexto.

“A Pragmática é o estudo das relações entre a língua e o contexto que são básicas para uma descrição da compreensão da linguagem” (Levinson, 2007:25)

acha - /'aʃa/ - /ʃ/ consoante fricativa , palatal, surda, oral
aja / haja - /'aʒa/ - /ʒ/ consoante fricativa , palatal, sonora, oral

Dessa maneira, em uma palavra como *mês*, se comutarmos a realização fonética do último som consonantal por qualquer um dos fones [s], [z], [ʃ] ou [ʒ], não vai alterar o significado da palavra. O mesmo não ocorre, como visto em posição intervocálica. Sendo assim, uma oposição que ocorre em um dado ambiente fonético deixa de ocorrer em outro, o que equivale dizer que houve um processo de **neutralização**. O resultado de uma neutralização foi nomeado por Trubetzkoy e companheiros do Círculo Linguístico de Praga⁸ como sendo um **arquifonema** e sua representação, em transcrição fonêmica, é pela letra maiúscula do fonema não-marcado, nesse exemplo, /S/. Dessa maneira, podemos concluir que **arquifonema** seja a unidade fonológica resultante da perda de um contraste fonêmico, ou seja, de uma neutralização. Dessa forma, uma palavra como *pasta* terá a transcrição fonêmica /'paSta/. Outro exemplo de neutralização ocorre entre o “r fraco”, um tepe ou vibrante simples – [r], e um “R forte” – [r̄]. O primeiro ocorre em ambientes intervocálicos como em *careta* e *caro*; o segundo, em início de sílaba como em *carreta*, *carro*, *rio*, *israelita*. Sendo assim, podemos verificar a ocorrência de pares mínimos como *muro* / *murro*, *caro* / *carro*, em ambiente intervocálico, evidenciando-se os fonemas /r/ e /R/. Todavia, quando consideramos a posição final de sílaba, seja medial ou final, como em *parte* e *mar*, percebemos a ocorrência de uma neutralização, e o arquifonema /R/ se estabelece - /'paRte/ e /'maR/. Além dos arquifonemas /R/ e /S/, temos a possibilidade de ocorrência de um outro arquifonema nasal /N/. Conforme já visto, temos 7 vogais tônicas orais no português ([a], [ɛ], [ɔ], [e], [o], [i], [u]) e 5 vogais nasais ([ã], [ẽ], [õ], [ĩ], [ũ]). Duas posturas se apresentam: ou concebemos 12 fonemas vocálicos distintos, ou, então, 7 fonemas vocálicos, dentre os quais 5 são acompanhados por um **arquifonema nasal** /N/ (/aN/, /eN/, /iN/, /oN/, /uN/). Esta análise é defendida por Mattoso Camara (2001), como se lê em:

⁸ A Escola Linguística de Praga conseguiu harmonizar os postulados saussureanos com uma outra importante linha de pensamento sobre a linguagem, a do vienense Karl Buhler. Como representantes da escola, temos Troubetzkoy dos *Princípios de fonologia* e Roman Jakobson, responsável pela redação das Teses do Círculo Linguístico de Praga (1929).

Diante de uma possível nasalação, que é meramente mecânica e fonética (sem efeito para distinguir formas da língua) e uma nasalação que se opõe distintivamente à não-nasalação, é preciso encontrar um traço específico que caracterize as vogais que são nasais em termos fonêmicos. São elas as únicas vogais nasais portuguesas que merecem tal classificação.

O meu ponto de vista, já antigo (Camara, 1953), que ainda não foi aceito pacificamente, é que se deve procurar esse traço distintivo na constituição da sílaba. Em outros termos: a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal.

Portanto, ainda segundo Mattoso Camara, não se deve confundir uma nasalidade como de *junta* em oposição a *juta*, *cito* em oposição a *cinto* e *lenda* em oposição a *leda*, com a assimilação da nasalidade que ocorre na primeira vogal de palavras como *ema*, *cama*, *unha*, por exemplo. Nessas três últimas, não há oposição como acontece nos dois primeiros pares. Tal questão interfere, diretamente, nos padrões silábicos, uma vez que sílabas com vogais nasais serão fonemicamente entendidas como uma vogal – V – seguida por um arquifonema nasal /N/, que fecharia a sílaba, travando-a. Dessa forma, o arquifonema /N/⁹ seria o responsável pelo travamento silábico. Consoante Mattoso, o fato de não haver crase entre a vogal final de *lã* e a vogal inicial de *azul* em “*lã azul*” justifica-se por haver um arquifonema posterior ao primeiro *a*. Vale apontar que ambas as análises são possíveis.

Em espanhol, tal diferença entre uma vogal oral e sua correspondente nasal não constitui uma oposição fonológica, apresentam-se os sons em distribuição complementar, ou seja, o som [ã] só ocorre quando se encontra ao lado de um som nasal, como em *piano* ou *mañana*. Assim, um falante de português continuará realizando os referidos sons, mas sem que oponham significados, como em *veto* e *vento* no português.

5. ESTRUTURA FONOLÓGICA

A estrutura fonológica de um sistema se descreve em termos das relações entre os próprios elementos e as relações entre os conjuntos de elementos fonológicos e, ainda, entre complexos / unidades gramaticais maiores. Considerando-se a dicotomia das relações *sintagmáticas* e *paradigmáticas* propostas por Saussure (1916), devemos compreender

⁹ O arquifonema nasal /N/ será, aqui, retomado quando trabalharmos com padrões silábicos.

sintagmáticas como combinatórias e paradigmáticas como substituíveis. Tal dicotomia apresenta-se aqui relevante já que as relações sintagmáticas correspondem a boas formações fonológicas de combinações possíveis, ou seja, sintagmas fonológicos. Vale lembrar que sintagmas fonológicos são constituídos preservando-se dadas regras, isto é, há dadas restrições. Há fonemas, por exemplo, que não podem ser precedidos ou sucedidos por determinados fonemas. As regras que apontam uma boa formação fonológica em uma dada língua devem apresentar essas restrições, devem especificar que elementos podem ser colocados juntos em sintagmas bem formados. Em muitas línguas naturais, encontramos sintagmas puramente fonológicos, as **sílabas**.

Sílabas são constituídas por seu cerne, a vogal – V, e por consoante(s) – C, sabendo-se que a vogal é obrigatória, e a(s) consoante(s) é (são) opcional (opcionais) e ocupará(rão) posições periféricas. O ápice silábico pode ser preenchido por uma vogal tônica ou por uma vogal átona.

5.1. Padrões silábicos

Blevins (1995), Selkirk (1982), Goldsmith (1990), Spencer (1996), apesar de defenderem posições teóricas diferenciadas, concordam em conceder à sílaba um espaço privilegiado,

First of all, it can be argued that the most general and explanatory statement of phonotactic constraints in a language can be made only via the syllabic structure of an utterance. Second, it can be argued that only via the syllable can one give the proper characterization of the domain of application of a wide range of rules of segmental phonology. And, third, it can be argued that an adequate treatment of suprasegmental phenomena such as stress and tone requires that segment be grouped into units which are the size of the syllable (Selkirk 1982: 337).

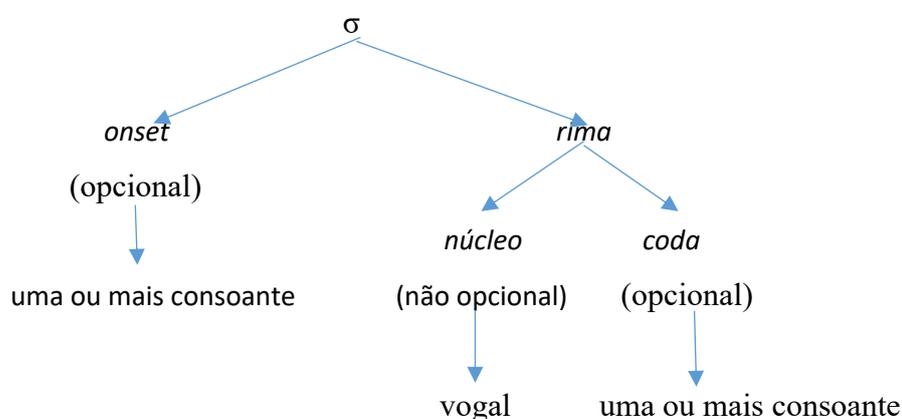
destacando-a como unidade linguisticamente significativa que deve ter o seu lugar na teoria fonológica. Selkirk (1982) levanta três argumentos para o estudo da sílaba:

Quando observamos diferentes línguas, podemos notar que se diferem no tocante aos princípios organizacionais de suas sílabas. Em inglês, uma sequência /sl/ é produtiva, como ocorre em "escravo" - /sleiv/ ao passo que, em português, inexistente. Logo, as regras fonotáticas que regem os arranjos silábicos de uma dada língua podem se diferenciar dos arranjos de uma outra língua.

No que diz respeito à organização interna de uma sílaba, convencionou-se usar a letra grega σ a fim de simbolizar sílaba, independente da teoria. *Onset* seria o aclave, que pode ser

ocupado por consoante (C) ou por glide (V’). *Rima* seria o *núcleo* mais *coda*. O *núcleo*, em português, é formado somente por vogais. Em outras línguas, entretanto, algumas consoantes podem preencher essa posição. O *coda* equivale ao declive, que também pode ser ocupado por consoante e glide. O número, porém, de consoantes que se encontra nessa posição, em comparação a de *onset*, é bastante reduzido, como veremos mais abaixo. Dessa forma, podemos ter sílabas abertas/livres (*open syllables*) e sílabas fechadas/travadas (*closed syllables*). As sílabas abertas são aquelas que terminam com a vogal, não têm *coda*. As sílabas fechadas são as que terminam com a *coda*, ou seja, com consoante(s) ou glide após a vogal. A seguir, apresentamos a figura 04, em que podemos visualizar melhor as partes da estrutura silábica:

Fig. 05– *Estrutura de uma sílaba*



Há sílabas constituídas somente por seu cerne, a vogal. Palavras como *ilha*, *Itália*, *saída*, *juizado*, *Itaguaí* evidenciam que temos, na língua portuguesa, **sílabas simples** – constituídas tão somente pelo seu ápice – em posições tônicas iniciais (*ilha*), pretônicas iniciais (*Itália*), tônicas não-iniciais (*saída*), pretônica não-inicial (*juizado*) e tônica final (*Itaguaí*). As demais vogais [e], [ɛ], [a], [ɔ], [o], [u] podem constituir igualmente sílabas simples nessas posições. No que tange às vogais nasais, geralmente ocorrem em início de palavras (*imperador*, *ângulo*) ou em posição medial, quando precedida por vogal oral (*aonde*, *oriundo*)¹⁰.

Além das vogais – V e das consoantes – C, há o glide que será representado como V’, igualmente opcional. O glide participa da constituição dos ditongos. Se houver, na sílaba, a sequência VV’, haverá um ditongo decrescente (*pai*, *mãe*, *órfão*); se houver uma sequência V’V, o ditongo será crescente (*história*, *água*). Os glides [y] e [w], nos ditongos decrescentes, ocupam a posição de travamento silábico. As consoantes, conforme já dito, são opcionais e ocupam as posições periféricas / marginais, podendo ser prevocálicas ou posvocálicas. Em

¹⁰ Há de se considerar, aqui, a possibilidade do arquifonema nasal, constituindo um travamento silábico.

posição prevocálica, podemos ter uma ou mais consoantes como em *mala* em que temos duas sílabas com padrão CV, e em *bravo* em que, na 1ª sílaba, temos CCV. A consoante prevocálica pode ser qualquer um dos fonemas consonantais com exceção de /s/ e /ʃ/ que aparecem apenas em empréstimos. Quanto aos encontros consonantais próprios/tautossilábicos, os que ocorrem em uma única sílaba, a 1ª. consoante poderá ser uma oclusiva ou uma fricativa pré-alveolar e a 2ª. consoante, uma lateral /l/ ou uma vibrante simples /r/, como ocorre em *plano*, *braço*, *fluvial* e *fraco*. Em posição posvocálica, as consoantes possíveis reduzem-se radicalmente. Os arquifonemas /S/, /R/, /N/ e o fonema lateral alveolar /l/, por vezes vocalizado, ocupam tal posição conforme *paz* /'paS/, *mar* /'maR/, *tem* /'teN/ e *cal* /'kaL/. Vale observar que há, em português, algumas palavras que possuem duas consoantes em posição posvocálica como a primeira sílaba de *perspectiva* que apresenta o padrão CVCC. Dessa forma, em uma palavra como *transformação*, a primeira sílaba seria completa e seu padrão seria CCVCC¹¹. Somado a isso, temos sílabas em que a vogal, sendo seguida por um glide, só poderá ter como consoante posterior um /S/, conforme a sílaba *claus* em *claustro*, por exemplo.. Devemos considerar, aqui, a palavra *câimbra* como rara exceção, posto que o glide vem seguido por /N/. Sendo assim, o quadro 06 abaixo proposto exemplifica diferentes padrões silábicos existentes no português.

Quadro 07 – Padrões silábicos do português

há - V
pá - CV
ai – VV'
ar - VC
bloco - CCV
consta - CVCC
branco - CCVC
claustro – CCVV'C
Transbrasil - CCVCC
quais – CV'VV'C
cais – CVV'C

¹¹ Considerando-se o arquifonema nasal /N/.

Em suma, somente vogais - V constituem o cerne da sílaba em português, as posições marginais de *onset* (ascensão/ aclave), assim como de *coda* (declive) podem ser ocupadas por consoantes - C e por glide - V'. A seguir, apresentamos o quadro 08 de MENDONÇA (2003), adaptado de Blevins (1995: 217), em que podemos observar possíveis diferenças entre os padrões silábicos do português, inglês e espanhol.

Quadro 08 – Padrões silábicos do inglês, espanhol e português

	V	CV	CVC	VC	CCV	CCVC	CVCC	VCC	CCVCC	CCVVCC	CCVV	CVV		VV	CVCC
Inglês	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S		S	S
Espanhol	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N	S	S		S	N
Português	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S		S	S

Vale aqui lembrar que estudos sobre sílaba têm sido implementados não só na fonologia, como também em outras áreas, como a aquisição da linguagem, oferecendo um suporte bastante importante para estudos voltadas para a aquisição da linguagem oral e a aprendizagem da escrita.

6. CONCLUSÃO

Sabendo-se ser a língua uma verdadeira articulação, certamente, considerar os componentes dessa “engrenagem” torna-se relevante. Os estudos de Fonética e de Fonologia constituem parte dessa articulação. Se considerarmos os traços fonéticos, os fones, os fonemas, os morfemas, os sintagmas, as sentenças, podemos perceber tal engrenagem.

Neste artigo, trabalhamos com conceitos e aspectos referentes aos *fonos* e aos *fonemas*, atendo-nos, portanto, aos níveis da Fonética e da Fonologia, tão relevantes para a compreensão de processos fonológicos. Propomos um estudo de processos fonológicos segmentais produtivos no português brasileiro – PB e em línguas estrangeiras, tais como assimilação, nasalização, neutralização que foram aqui considerados.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, Leda (org). *Introdução aos estudos da fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 286 p.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. 2. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Editora Nacional, 1970. 316 p.
- BLEVINS, J. *The syllable in Phonological Theory*. In: J. Goldsmith (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell. p. 207-243. 1995.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (livre docência) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1981.
- _____. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 208 p.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. 125 p.
- CAMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001. 203 p.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1943]. 147 p.
- JAKOBSON, Roman. *Fonema e fonologia*. Tradução e notas com um estudo sobre o autor por J. M. Camara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967. 200 p.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental & Metrical Phonology*. Massachussets: Blackwell, 1990.
- LAMPRECHT, Regina Ritter et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 232 p.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- LYONS, John. *Linguagem e linguística – uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- SELKIRK, E. *The syllable*. In: HULST; SMITH. (eds.). *The structure phonological representations* (Part II). Dordrecht Foris. p. 337-383. 1982.
- SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2001.
- SPENCER, A. *Syllables and syllabification*. In: *phonology*. London: Blackwell. p.72-103, 1996.
- PIKE, Kenneth. *Phonemics a technique for reducing languages to writing*. The University of Michigan Press, 1947.
- TRUBETZKOY, Nikolai Sergueevitch. *Principes de phonologie*. Trad. J. Cantineau. Paris: Klincksieck, 1957 [1949]. 396 p.

Data de recebimento: 09 /03 /2023. Aceito para publicação: 10 / 04/ 2023.